



## COMBATE À DENGUE

# Vacina, por ora, só para crianças de 10 e 11 anos

Quantidade reduzida de imunizante obriga autoridades sanitárias a limitar ação pelo país. Governo negocia compra de mais doses

» MAYARA SOUTO

A vacina contra a dengue começou a ser aplicada, ontem, em crianças de 10 e 11 anos. O Distrito Federal foi a primeira das 17 unidades federativas selecionadas pelo Ministério da Saúde a ofertar o imunizante na rede pública. Goiás preferiu esperar o carnaval passar para começar a vacinação — a previsão da prefeitura de Goiânia é iniciá-la na próxima quinta-feira. Segundo o ministério, lotes da Qdenga (produzida pelo laboratório Takeda, do Japão) foram enviados ontem para mais oito estados. Essa primeira remessa tem 172 mil doses, a serem distribuídas por 315 cidades.

Ao longo do ano, o ministério prevê distribuir 6,5 milhões de vacinas nos 521 municípios de 17 estados, selecionados pelo critério de risco. Todos têm características em comum: são cidades de grande porte, com mais de 100 mil habitantes; apresentam alta transmissão da dengue; registram os mais altos números de casos em 2023 e 2024; e convivem com o sorotipo DENV2 predominante, com alta possibilidade de agravamento da doença.

A pasta informou que, para contemplar o maior número de municípios, a vacina será aplicada até o fim de março exclusivamente em crianças de 10 e 11 anos. Depois, pouco a pouco, a idade será ampliada até os 14 anos. Ainda não há decisão sobre a distribuição da vacina durante o carnaval. A previsão é que, chegando ao centro de distribuição de cada capital, as cidades do estado ainda levem até dois dias para iniciar a imunização nos postos de saúde.

“É um momento histórico, há 40 anos se espera por uma vacina contra a dengue. Agora, temos uma vacina incorporada ao SUS. Mesmo sem epidemia, nós começaríamos a vacinação porque a dengue é um problema de saúde pública há muito tempo”, declarou a ministra da Saúde, Nísia Trindade, que marcou presença na Unidade Básica de Saúde (UBS) do Cruzeiro, em Brasília,

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Nísia Trindade acompanha início da vacinação na UBS do Cruzeiro

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



para acompanhar o primeiro dia de vacinação.

O clima na unidade de saúde em que a ministra estava era de grande expectativa, com uma longa fila. A jornalista Mara Régia, 72 anos, acordou cedo para levar o neto Enrico,

11 anos, ao posto. “É um exercício de cidadania, acima de tudo. Depois da covid, em que tivemos campanha contra a vacina, é quase um resgate para que a população entenda, de uma vez por todas, que vacina é vida. É a única forma de

## Campanha de vacinação

**521**  
Total de municípios que vão receber a vacina

**6 milhões**  
Total de doses em 2024

**17**  
Estados que vão receber a vacina

**317**  
Municípios receberão a 1ª remessa

**712 mil**  
Doses disponíveis na 1ª remessa

**10**  
Estados iniciam a vacinação

UF	Cidades	Doses (em mil unidades)
DF	1	71,7
GO	124	152
BA	44	120
AC	11	17,8
PB	14	37
RN	19	45
MS	76	69,5
AM	12	78,7
SP	11	79,4
MA	5	40,6

Fonte: Ministério da Saúde



Valdo Virgo/CB/D.A Press



**É um exercício de cidadania, acima de tudo. Depois da covid, em que tivemos campanha contra a vacina, é quase um resgate para que a população entenda, de uma vez por todas, que vacina é vida**

Mara Régia, jornalista

sobreviver a um tempo de mudanças climáticas”, disse ela. Um pouco contrariado pela picada da agulha, Enrico entendeu o motivo de estar lá: “É importante tomar vacinas”.

O ministério deve ampliar apenas no próximo ano o

número de municípios e a faixa etária da campanha. “Dependemos muito da capacidade de produção do laboratório. Temos um cronograma de entrega atrelado a isso. Em 2024, serão pouco mais de 6 milhões de doses, ou seja, vamos conseguir vacinar cerca de 3 milhões de pessoas”, explicou Eder Gatti, diretor do Programa Nacional de Imunizações (PNI).

“Estamos trabalhando para ampliar (o número de doses disponíveis) com apoio da Fiocruz. Vamos apoiar também a vacina do Instituto Butantan, que ainda não foi submetida à Anvisa”, acrescentou Nísia Trindade. Segundo ela, a Fiocruz tem condição de agilizar a produção da Qdenga. O Butantan, que desenvolve uma nova vacina contra a dengue, apresentou o relatório final da fase 3 de estudos na semana passada. A previsão é que a vacina seja apresentada à Anvisa em setembro, para ser ofertada ao público em 2025. Diferentemente do produto japonês, que prevê duas doses com intervalo de três meses, o do Butantan é de aplicação única.

## “Pior cenário”

A secretária de Vigilância em Saúde e Ambiente, Ethel Maciel, disse que há projeção de o Brasil bater recorde de casos de dengue neste ano, podendo passar de 4,6 milhões. No ano passado, foram registrados 1,6 milhão de casos de dengue no país. “O que nós estamos observando é uma antecipação dos casos. Começamos a ver crescimento de casos já em janeiro devido a dois fatores. Primeiro, a circulação dos quatro sorotipos. Um deles estava havia 15 anos sem circulação no Brasil. Segundo, o comportamento diferente do mosquito. Ele circulava mais no final da tarde, no início da manhã. Agora, está acontecendo durante todo o dia, e as altas temperaturas ajudam também na reprodução”, explicou a secretária.

De acordo com ela, o repasse de R\$ 256 milhões aos estados e municípios, anunciado pelo ministério no ano passado, já foi pensado para esse cenário. O montante é destinado para ações de combate ao *Aedes aegypti*. “Nós nos preparamos para o pior cenário. Se ele não acontecer, melhor ainda”, finalizou.

## CARNAVAL

# Pesquisa: mulheres temem assédio na folia

Dizer que ‘não é não’ chega a ser clichê no carnaval. Muitas bandeiras, coletivos e tatuagens exibem o slogan para explicar o básico: o consentimento é regra. No entanto, segue necessário reiterá-lo a cada ano. Uma pesquisa do Instituto Locomotiva e QuestionPro com mais de 1,5 mil entrevistadas, divulgada nesta semana, mostrou que sete em cada 10 mulheres têm medo de sofrer assédio durante a folia.

“É muito delicado que as mulheres, além de serem as principais vítimas da violência no carnaval, ainda tenham que ter a responsabilidade de cuidar da sua segurança porque elas são mais vulneráveis a serem assediadas. Mas, infelizmente, temos que ter essa preocupação”, lamentou Julia Parucker, CEO e cofundadora do coletivo Não é Não, que atua nacionalmente por meio de campanhas contra o assédio sexual.

Entre as mulheres, 50% das

entrevistadas já viveram uma situação de assédio no carnaval, segundo o estudo. Entre os exemplos mais clássicos da importunação sexual está o “beijo roubado”. O Instituto Locomotiva perguntou, na pesquisa, se as pessoas achavam que tinha problema um homem “roubar” um beijo de uma mulher se ela estiver bêbada ou com pouca roupa: 81% não concordam com essa atitude. No entanto, o percentual cai (68%) entre quem discorda de que, se a mulher está com pouca roupa, é porque quer beijar.

Poder público e ativistas têm unido forças para realizar campanhas de conscientização efetivas. O Ministério das Mulheres lançou, ontem, um protocolo com informações sobre deveres dos estabelecimentos comerciais diante da ocorrência de constrangimento ou violação contra mulheres em boates, casas noturnas, shows musicais ou em eventos esportivos. O

cumprimento das regras atribuirá ao local o selo *Não é Não - Mulheres Seguras*, e o nome da casa fará parte de uma lista para consulta da sociedade. Já o ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania, Silvío Almeida, esteve, ontem, em Salvador, para lançar o Bloco do Disque 100, que incentiva a denúncia de violações de direitos humanos.

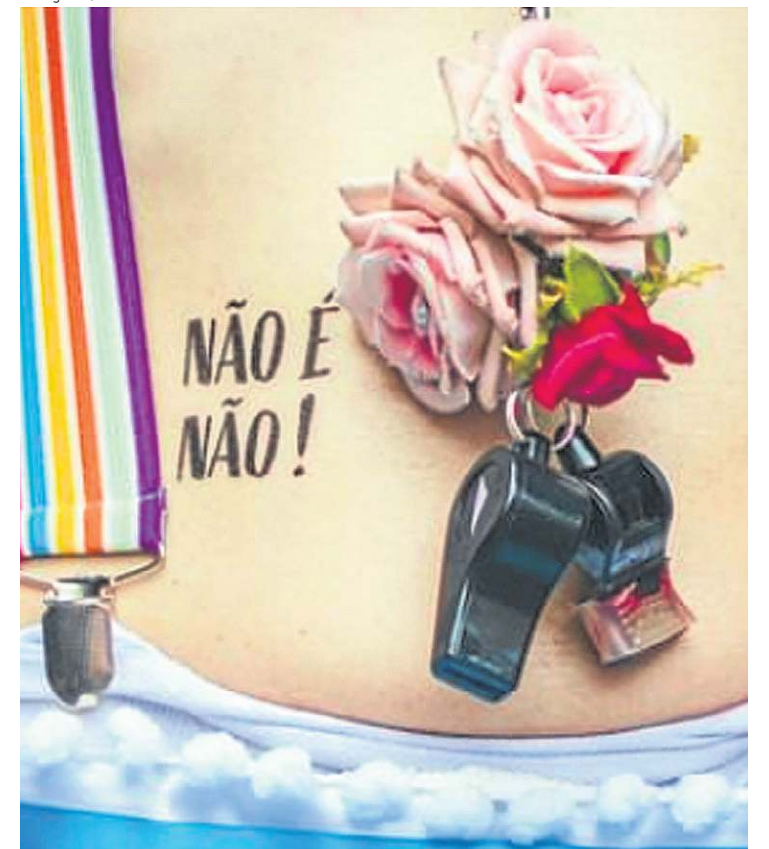
Além disso, coletivos como o Não é Não distribuem tatuagens nos bloquinhos, falam sobre o assunto nos trios elétricos e confeccionam manuais sobre as formas de assédio. “A gente não tem como mudar a cabeça das pessoas, então, se o assediador, pelo menos, se sentir inibido, vão ocorrer menos crimes”, comenta Julia.

“Existem algumas coisas que as mulheres podem fazer. A primeira delas é não deixar que o medo faça você ficar em casa. A gente tem a nossa liberdade para ser feliz e curtir o carnaval”, disse a ativista.

Julia acrescenta que algumas ações podem ajudar as mulheres neste período. “Criar um grupo (de mensagens) com amigos que forem sair com a mulher no carnaval. Andar em dupla, no mínimo, e vá até o banheiro com uma amiga. Preservar socorro se você vir alguma mulher precisando de ajuda. Não aceitar bebida de estranhos, deixe sempre sua bebida com você. E, quando voltar para casa, no transporte público ou privado, veja sempre se alguém pode acompanhar”, pontuou.

Alguns telefones são úteis para memorizar, como 180, da Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência; 190, da Polícia Militar; 129, da Central de Atendimento da Defensoria Pública; e 100, para denúncias de violação de direitos humanos. É recomendado também saber o número e o endereço da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam) na sua cidade. (MS)

instagram/não e não



Tatuagem da campanha do “Não é não”: respeito é bom e todos gostam